

---

---

# **P**olitica



1 9 3 0

---

---

ANO II

N.° 16

REDACTORES { Antonio Maria do Amaral Pyrrait (F. D. U. L.)  
{ F. P. d'Almeida Langhans

EDITOR — Nicolau Monteiro F. D. U. L.

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTA\* (Em organização)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol a Santa Catarina, 40-A, 1.º

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Lusitania — 40, Rua do Sol a Santa Catarina, 40-B — LISBOA

## SUMARIO

Junta Central. . . . .	Centeno CASTANHO
Democracia e Miséria . . . . .	Antonio de SOUSA REGO
do que nos une . . . . .	Dutra FARIA
Democracia e o operario . . . . .	Antonio Maria do AMARAL PYR- RAIT
de letras — «Cartas em verso» . . . . .	Franz-Paul LANGHANS
Integralismo Lusitano . . . . .	

## ASSINATURAS

(Cada serie de 10 numeros)

Continente e ilhas . . . . .	10\$00
Provincias Ultramarinas . . . . .	15\$00
Estrangeiro. . . . .	20\$00

Numero avulso 1\$50

**Arthur de Campos Figueira**

Advogado

Rua Nova da Almada, 54, 2.º

TELEPHONE CENTRAL 3024

Lisboa

**José Guilherme Aguila Monteiro**

Advogado

Rua dos Jornaleros, 72, 3.º D.

TELEPHONE C. 109

**Ferreira Cardoso**

Advogado

RUA GARRET, 86, 3.º — TELEPHONE T. 11

— LISBOA —

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

# Política

REVISTA QUINZENAL

ORGÃO DAS JUNTAS ESCOLARES DE LISBOA, COIMBRA E PORTO  
DO INTEGRALISMO LISITANO

Director: J. CENTENO CASTANHO

Lisboa, 1 de Dezembro de 1930

## A JUNTA CENTRAL

**Q**UANDO, em 1908 essa grande figura de Chefe que foi o Senhor Rei D. Carlos caiu varado pelas balas assassinas do maçonismo quasi poderíamos dizer que morreu com ele o último monárquico da Monarquia.

A sua morte se alguém a sentiu então, só os humildes que os acasos da sua vida de Chefe lhe permitiu tratar — saudada como foi por alguns dos que tinham o indeclinável dever de o servir lealmente e apenas rancorosamente o difamavam; aceite por quasi todos com o fatalismo resignado das «coisas que tem de ser» no desnorreamento desconcertante de absurdas idealogias metafísicas.

O silêncio recolhido do franquismo ficou; mas méro protesto platónico, embora altivo, á morte do homem que julgavam servi-las verdadeiramente na incompreensão das altas determinantes da attitude real, sacrificando como continuaram aos tórpes mitos contra os quais a sua vontade colectiva se erguera forte, nos factos, ao lado de El-Rei.

O que depois se seguiu todos o sabemos. A grande massa ordeira da Nação de há muito divorciada dos homens do regimen, cuja hipocrisia e mentalidade balôfa lhe repugnava, por intuitiva repulsa incapaz, de se aproximar dos lunaticos da propaganda, jazia na mais «apagada e vil tristeza».

E a República parlamentar foi assim possível, não porque tivesse republicanos, mas por não haver monárquicos. Se se pudesse comparar os registos de então partido republicano português, com a multidão das adesões após a «aurota redentora»!

Bastará lembrar que quasi todos os grandes marechais dos partidos republicanos, desde o actual Gr.°. M.°. Norton de Matos, aos cômicos doutrinadores da cêlha República Nova como o sr.-António Sergio, se já então não eram monárquicos, só muito mais tarde passaram a republicanos... históricos.

## POLITICA

Os heróis do dia 5 bateram-se assim contra Ninguém; a sua glorificação da triste e cômica cobardia geral, que nem sequer encontrou o protesto viril de quem então detinha o sceptro nobilíssimo dos Reis de Portugal, porventura ninguém lhe tendo dito que «a liberdade real só se perde com a morte» e, por singular anomalia, não sabendo ou não querendo os seus 90 anos adivinhar que «sêr Príncipe é assentar praça ao nascêr» na definição lapidária dum grande português.

O próprio protesto dessa altiva figura que é Paiva Couceiro, foi menor obediência a conscientes e profundas razões ideológicas, que fidelidade à honra própria, que não sabia dignamente esquecer a fé jurada. E na dôçade tremenda em que tudo sossobrava, não podia deixar de dar-se o que se deu. E assim a República parlamentar tendo começado por sêr de «garçotes», na prespiciência amarga de Antero, havia fatalmente de transformar-se na «balburdia sanguinolenta» que a acuidade de Eça adivinhou e a que a espada de Gomes da Costa pôs termo.

Claro que havia, como ainda há repúblicanos sinceros por errada mística: nas últimas camadas sociais, especialmente da Capital, a mistura com a vaga enorme dos *conteneurs* da desordem.

Aos primórdios de 910, por sôbre o *mare magnum* dos apetites desenfrizados, por sôbre a crise de carácter, abastardado por quasi um século de eleições, alastrava a mais pavorosa desorientação mental.

Os sinceros que faziam então os últimos bancos escolares, sofrendo a própria anarquia mental do tempo, viviam o drama angustioso de Fradique.

Um dêles o confessa! *«Diante dêste campo de ruínas, no meio da confusão de numerosos sistemas que na desconculada reflexão de Zé Fernandes, amigo de Jacinto, todas se contradiziam, fôndou o século XIX, e o século XX começa, sem que uma directriz firme alumiasse o caminho daquelas inteligências que mais inquietamente buscavam responder à própria ansiedade, procurando solução para as dificuldades e problemas nacionais».*

Foi por sôbre a tristeza dessa hora que alguns raros, vencido o secticismo ancestral de Fradique Mendes, vieram, num grito altivo de rebeldia e protesto, cantar a Esperança da Patria imortal, confessar, perante o espanto cômico duns e o sarcasmo insultuoso de todos, as leis eternas do Sangue e da Terra.

Ramalho ainda teve a alegria de saudar «a nova geração de gentes» que subia «para a vida e para a luta sôb a benção larga da Esperança».

Louvado seja Deus!

Como é já longo o caminho que de então para cá se tem andado!

E quem haverá que o negue? Tudo se deve a esse grupo formidável que, na solidariedade dos vivos e dos mortos, constituiu e constitui a Junta Central.

Se hoje é forte de largas promessas o ambiente nacional; se dia a dia se vem tornando mais nitido e imperativo aquêle anelo renovador dum, ainda há pouco «pensamento indefenido», que em Oliveira Martins era apenas grito instintivo contra o negrume do seu próprio pessimismo, a eles e só a eles se deve — aos mortos como aos vivos! —

Quáes os sinhos — porque esquecê-lo? — eles derrubaram os ídolos e mitos grosseiramente bárbaros que se estadiavam impudicamente na praça pública e obscureciam o pensamento nacional!

Eles nos reconciliaram com os nossos mortos, com essas 80 carnadas de ósos que são o alicerce impericível da Pátria!

Por eles, nós os novos, não sofremos a angustia de Fradique, o desalento de Herculano, o pessimismo doloroso de Oliveira Martins ou o desespero de Antero!

Por eles a Cruz voltou aos templos dos Avós, como o patriotismo voltou ás almas!

Por eles a bandeira sagrada da Esperança foi desfaldada há 16 anos e ainda continúa, dignamente, onde se hasteou ao começar «a aspera batalha, peito a peito, contra a barbara multidão dos escravos da Liberdade»!

Alli, no reduto primitivo, ella se tem mantido erguida como um protesto activo contra a ingratião das nossas pequenas desavenças e do nosso abandono.

Caminho, aquêle caminho que nos levará ao cumprimento do nosso destino histórico e por elle à Verdade e à Vida!

E no entanto quantos, porventura por sincero desnorreamento, têm querido derrubar esse reduto da nossa Esperança, procurando atirar os mortos contra os vivos, os vivos contra os próprios vivos!

Baldado intento! As pedras que o formam nada as poderá separar! O cimento que as liga foi amassado com muita dôr vivida e sentida em comum, com muito sacrificio e até com sangue vertido nos mesmos combates em testemunho da verdade!

Eles complectam-se, são um todo harmónico, são a pedra sem a qual nada seria do que já é, nada será do que há de ser!

Se mais nada fizessem, e quem sem eles o poderá fazer? — se a morte os levasse a meio da jornada, numa nobre confissão de há pouco, já nos deixavam um testamento de Esperança!

A bandeira sangrada que nos congrega, lá continúa firme, erguida intrepidamente ao Sol que vai nascer em promessa de benções de paz e de abundância, sobre todos os lares das terras sagradas de Portugal.

A gratidão e o patriotismo claro, impoem-nos que lhes digamos — bem hajam! — formando mais estreitamente em volta d'elles,

preparando-nos para na Hera própria, «que há de vir, que virá, tão certo como o Sol de Deus»; *sairmos pela noite funda ao encontro da madrugada.*

Castelo CASTANHO

---

---

## A REPUBLICA É INSTRUMENTO DE RUINA

*Não pode a República favorecer o progresso?*

— Não; sua constituição não lho permite.

*Como assim?*

— A eleição é, um principio essencialmente reaccionario ou, melhor, regressivo, porque é o recomeço perpétuo. Ora é escusado demonstrar que o progresso effectivo não se obterá nunca por essa forma.

*A República, então, nada pode fundar de duradouro?*

— Não; seu defeito essencial está na instabilidade. Os poderes públicos, na republica, são efémeros: presidente, ministros, senadores, deputados, ninguém está seguro quanto ao dia seguinte: um capricho eleitoral os derruba. Daí, que succede? O ministro da guerra empreende uma reforma; seis meses ou um ano depois, é substituido por outro, que revoga o seu acto, dá-se o mesmo na Marinha, na Indústria, na Justiça e em todos os serviços importantes do Estado.

Instrumento de destruição, a Republica tudo pode demolir, mas nada edificar.

*Então o sistema republicano é incompativel com o desenvolvimento de um país?*

— Decerto: ôle conduz o país à ruina. Bismarck não o ignorava, e na sua correspondência com o Conde de Arnim, em 1872 e 1873, expôs os motivos que o faziam desejar o restabelecimento da Republica em França.

*Concom — dizia ôle, — que a França fique isolada e fraca e, para isso, é preciso impedir all a monarchia, suprimir a dynastia e auxiliar o estabelecimento da republica e do parlamentarismo, e então não tremas que reced-la mais.»*

Conto de MAGALHÃES

# DEMOCRACIA E MISÉRIA

**D**AS minas de Aljustrel foram despedidos quinhentos trabalhadores. Coincide este facto com a baixa de cotação do coque, baixa tremenda de quasi meio por um registada nos mercados por meados do ano corrente.

As explorações cupriferas da península S. Domingos, Aljustrel, Rio Tinto e Peñarroya pertencem a empresas estrangeiras, judeo-norticas, creio que reunidas em *Trust*.

Das atribuições da finança proprietária, metéque e marrana cure muito pouco, posto que estou certo, terá em prosperos dias forrado o capital e varios tanos. O que me doe, o que entendo requerer pronto remedio é a misera condição para que, o inlavor forçado nesta quadra de ano, atira aquella pobre gente alentejana.

Vivem os tristes fêria a fêria, semana a semana. Não dão os salários, por mequinhas, vese a que se arrecade coisa alguma ao canto da gaveta e tirar-lhes a tarefa, agora, ao principio do inverno, pouco menos é que matá-los à mingua. Exactamente isso, decidiram os estrangeiros, mandantes da mina. E não há que querer-lhes mal. A culpa não é deles. Para aligeirar os stocks, em face da estagnação de vendas, resolveram limitar a extracção do minério. E' o que a prudência aconselha. Limitar a extracção é limitar o dispêndio de mão de obra, cortar nos salários. O operário precisa de fêria? E' o pão deles e dos filhos? Quem quiser que lhes acuda! Não é esse o papel da empresa. Outra é sua função. Dar dividendos: Isto é boa economia liberal, santa moral laica e democrática.

A empresa utiliza o operário e enquanto precisa dele paga-lhe. Pelo mesmo motivo sustenta a besta que o serve dá ração em dinheiro ao homem. Em grão a alimaria. Quando não há que fazer, vai o trabalhador para a rua e a azémota para a estrebaria. Fica a besta de ganho. Meiam-lhe a ração mas não a deixam rebentar de fome. Representa um certo capital, um valor de que é preciso cuidar, para que se não perca. O homem não! Em tempo de marasmo não vale o que come. Se morrer choram-no os seus. A empresa em voltando a necessitar de braços, arranja outra. Nada há que usa o capital ao trabalho, a empresa no operário.

Dai um estado de guerra latente, sonea, mansinha. Foi no que deu a economia demo-liberal, por individualista e desarticulada. O ope-



rário mandria o mais que pode. A administração arrasta-lhe a fêria. Há dolo no esforço, roubo na paga.

Por vezes federam-se as empresas, unem-se os trabalhadores. E' o cartel e é o sindicato. O sindicato é quasi sempre inútil. Promove as grèves. Formula reclamações. Ora grèves só se vencem quando há carência de trabalhadores. Reclamações só são atendidas quando acompanhadas de pressão.

Nem num, nem noutro caso, o sindicato faz grande falta. Na primeira uma renúncia dos interessados basta. Para estourar uma fábrica a dinamite chega um homem.

A corporação antiga era outra coisa. Primeiro que tudo era um valor económico. A quota parte dum mestreiral na sua hermandade de officio, valia dinheiro. Hoje em dia os bens de todos os sindicatos operários nacionais não dariam espórtula decente para mandar cantar um cego.

No caso presente o que faz o sindicato dos mineiros de Ajuatrel? Nada! Socorrer os camaradas despedidos não pode porque não tem com qué. Forçar a empresa a readmeti-los não tenta porque não tem meio. Como se comportaria a corporação, adoptada ao nosso tempo, ajustada à maior complexidade da vida moderna. Muito doutra maneira. União íntima dos elementos componentes de cada indústria, capital, técnica e mão d'obra, enfeixados num todo, não dispersos e inimigos, guardaria em épocas de maior ganho, reservas que bastassem nos dias de quebra. Atribuiria ao capital, à técnica, ao trabalhador, o dividendo, o soldo, o salário que, na lei de Deus e no amor do próximo lhe fôsse devido. E em fartos tempos como em dias de provação, a todos caberia quinhão honrado, em função de merecimento de cada um. Condicionaria a repartição dos proventos, tendo em vista inclemências futuras sempre possíveis. Assim se constituiria prontamente o património corporativo bem comum de todos os participantes na actividade industrial.

Nas condições actuaes, não vemos como acudir-lhes. Nem do sindicato nem da empresa lhes virá alívio. Qualquer esforço dos governantes terá de ser, de efeito contingente e passageiro.

A solução verdadeira, a solução que se impõe neste passo pungente, não pode vir já, levará seu tempo, seguir-se-há ao abater do edificio excecando do Liberalismo económico, irmão gêmeo do outro, do político e tão malfazejo como êle. E ao restaurar da sinarquia portuguesa, porpor-se-há na officina e no campo, a ordem nova — a velha ordem perdida e esquecida — a Ordem Nacional e Real.

*António de SOUZA REGO*



# do que nos une...

**S**EGUNDO dizem os sindicalistas, entre nós e eles nada ha que una.

Tudo nos separa, nos afasta uns dos outros. Exageram porém Quer o façam involuntariamente, pela sua ignorância quanto ás ideias que professamos, aos métodos que seguimos, aos fins que temos em vista, quer o façam voluntariamente, propositadamente, a verdade é que exageram. Alguma coisa há realmente que uns aos outros nos une — ou pelo menos nos aproxima.

Pretendem eles obter para os trabalhadores o máximo de garantias e o mínimo de servidões.

Não igualmente o pretendemos? Nós estamos portanto tam longe uns dos outros como as palavras dos sindicalistas o poderiam fazer supôr nos desprevenidos e aos ingênuos. Demais revoltam-se os sindicalistas contra a tirania do capital internacionalizado e judaizado? Pois bem! Nós tambem nos revoltamos. Lutam os sindicalistas contra uma civilização excessivamente material, em que a máquina escravisa o homem, o dinheiro subordina a vida, os numeros destroam a intelligência? Pois bem! Nós tambem lutamos contra essa civilização descerebrada, mecânica, essa civilização que tem em Babbitt um simbolo eloquente, persuasivo — e terá no bolchevismo alargando-se amanhã por todo o mundo a consequencia inevitável, fatal, caso não reagjamos, opondo á barbarie invasora as forças serenas e gloriosas do Sangue e do Espirito.

Até aqui, os sindicalistas não podem deixar de estar de acôrdo conosco. Mas julgam, ou procuram fazer julgar a quem os escuta e os lê, que nós queremos unica e simplesmente o regresso á Idade Média. Ainda se fosse á Idade Média tal como a viu um Fustel de Coulanges por exemplo, não teríamos motivo para grandes protestos Na Idade Média, tal como a viu um Fustel de Coulanges, tal como na realidade foi, só temos a aprender. O corporativismo nela attingiu notavel esplendor. O comercio não carecia extremamente de intermediários. Alem disto, para o que lavrava e semeava a terra, a permanência nesta estava assegurada. A terra podia ser vendida. O que a lavrava e a semeava nada tinha com isso, mantinha-se indifferente ás tranquiBernias dos poderosos, ninguém o podia expulsar dos campos onde labutava.

Então o homem era feliz, a vida simples e calma, a intelligência florecente e dominadora.

A Idade Média, para os sindicalistas, é todavia qualquer coisa de radicalmente oposito a tudo quanto acabamos de descrever. E' a Idade Média tenebrosa dos analfabetos dos comícios da democracia. E' a Idade Média dividida em senhores e em escravos!

## POLITICA

A esta idade Media desejaríamos regressar, crêem ou procuram fazer crêr os sindicalistas.

Abstendo-nos doutros comentários, sempre sublinharemos que uma coisa é regressar e outra, muito outra, aproveitar as lições do passado para as aplicar ao presente. E isto sublinhado, passemos adiante!

O que nós, almejamos é que capital e trabalho estejam à mesma altura na balança, de modo que um jamais possa exercer sobre o outro pressão injusta. Consegue-se semelhante equilíbrio adicionando à organização operária a organização patronal e criando assim a corporação, onde operários e patrões se sintam ligados pelas mesmas necessidades e pelos mesmos interesses. Uma vez conseguido o equilíbrio, o capital e o trabalho gradualmente se iriam confundindo na medida do possível.

E ao passo que capital e trabalho gradualmente se iriam confundindo, da sociedade pacificada e reorganizada iria surgindo a aristocracia nova — aristocracia aberta e natural, à qual os melhores ascenderiam aberta e naturalmente. Teríamos assim ao lado duma aristocracia de Sangue e duma aristocracia do Espírito uma aristocracia do Capital e do Trabalho reconciliados e dignificados.

Como sem custo se verifica, o que nós almejamos é francamente realizável. Temos a prová-lo a experiência do passado.

Nisto, e apenas nisto diferimos dos sindicalistas — que almejam o irrealizável, leviana e quimericamente architectando no futuro.

Cabe agora aos trabalhadores de Portugal escolher entre os labirintos do *irrealizável* e as avenidas largas do *realizável*. Que as palavras da má fé os não perturbem e que um dia, abatidas as superstições que os prejudicam e os dividem, eles sejam seguros estradas da Ordem Nova — a ordem libertadora e salvadora!

Dutra FARIA

---

### Um livro que todo o integralista deve lêr e divulgar:

L. de Poncins — Les Forces Secrètes de la Revolution (Fr.: M.: — Judaïsme) — Editions Bonard — 140, Bd. St — Germain - Paris

Pedidos a qualquer livraria ou à administração da «Politica» que o envia contra reembolso — Preço 20\$00.

### Uma revista que todo o integralista deve assinar

La Revue International des Sociétés Secrètes  
— 8 Avenue Portalis — Paris — VIII —

# A DEMOCRACIA E O OPERARIO

A democracia colocando a sociedade em função do individuo viola a lei natural e portanto é necessariamente adversa ao interesse de todo o homem.

Nada haveria que justificasse uma excepção feita pelo operário a esta regra geral e antes pelo contrario a triste realidade nos confirma dia a dia, que apesar de ser aquele a quem a democracia mais promete, o operário é de todos os homens o que primeiro e mais dolorosamente lhe sofre as consequencias.

O ódio á humanidade que nos antros do mal preparou durante séculos essa doutrina, inteligente e experimentado como é, bem sabe o poder admirável de destruição que caracteriza os ideais democraticos e a importancia da acção duplamente criminosa que lhes são chamados a exercer junto dos innocuos e mal precavidos trabalhadores.

Foi o vento da democracia, soprado de bem conhecidas cavernas, que em 1789 desencadeou a tempestade terrivel da revolução francesa, que em faria destruidora destruiu num momento todas as instituições admiráveis do viver cristão, formadas em 18 séculos pela inspiração de Deus e pela experiencia dos homens.

Religião, monarchia, corporação, honra, dever, tudo desappareceu sem rasto, deixando apos si a anarquia e a ruina. As instituições que então surgiram, anti-humanas e anti-naturais, pseudo-scientificas, traçadas a regua e a compasso, são as que nós para aí vemos dizendo-se democraticas e que Coppin d'Albancelli definiu um dia: sociedades anónimas de exploração dos povos.

O operário de hoje (sem Deus, sem rei e sem familia), «o proletário» é uma criação, uma consequencia lógica da democracia.

A economia do Amor, substituiu-se a economia do dinheiro e isso foi o mesmo que substituir o homem-irmão, o mestreal dos velhos tempos pelo operário dos nossos dias: sem direitos, sem poder para os impôr ainda que os tivera, agrupado em rebanhos, aos milhares, descontente, ignorante, embrutecido, instrumento cego de torpes objectivos, soldado da revolução necessário á democracia destruidora.

Capital e trabalho, plutocratas e proletários são as condições imprescindiveis da guerra social, os meios mais azedos á ruina do mundo.

Depois de terem existido senhores e escravos, mas muito antes de surgirem plutocratas e proletários, observamos os homens a lei de Deus, e a historia, a verdadeira história é testemunho do feliz viver que dessa observancia resultou.

A familia era a realidade a considerar. Fonte da vida, expres-

## POLITICA

são da continuidade da raça, palpável no tempo, só ela com efeito, instituição da natureza, poderia como base arcar com o peso enorme do edificio social.

O homem, filho de Deus, era irmão dos outros homens. Não era um proletário, havia nêle alguma coisa mais, longe de ser um simples individuo era o membro de uma familia e esta, fosse qual fosse, tinha os seus pergaminhos, as suas tradições, a sua honra.

A situação económica de nada influiu na consideração. Só a honra a justificava, assim como só a virtude justificava a honra. A pobreza ou a riqueza eram estados accidentais, situações de momento na vida quasi eterna da familia.

A lei, natural e humana, inspirada por Deus, protegia a familia, evitava a dispersão do seu património, fixando-a á terra, enraizando-a, educando-a no amor da pátria.

Os homens, amigos e irmãos, ajudavam-se mutuamente na vida, realizavam-se entre si contractos de trabalho que eram verdadeiros contractos de sociedade, uniam-se em corporações chamando-se uns aos outros pelo admirável da Caridade Cristã: irmãos e companheiros.

Não havia divisão entre patrões e operários.

A uns e a outros mostrava o mesmo ideal.

O trabalho não era uma luta, era uma colaboração. O sistema corporativo assegurava a melhor produção, tornando possível a justiça no salário e no trabalho.

Como chefes de familia e através das corporações profissionais tinham os operários desse tempo bom, interferencia na administração da sua freguesia e faziam-se representar na administração do município. Á frente dos operários, assegurando a maxima produção, velando pelos interesses superiores do trabalho, ligado por tradição secular á sorte da grey existia o Rei, da melhor familia real, a primeira das primeiras entre todas as familias da nação.

A paz de Deus reinava na sociedade: não existindo classes só a diversidade de funções, distinguia os homens uns dos outros e por diferentes que ellas fossem todas tinham por fim o bem comum, eram impostas pelo dever e remuneradas pela honra.

Atestar o operário de Deus, cortar cerca as raizes tradicionais da familia e da terra, isolá-lo de toda a influencia do Direito e da Caridade Cristã, levá-lo aos conceitos pagãos da propriedade, do trabalho e do interesse, ignorante, fraco escravo dos caprichos do patrão, eis que os inventores da democracia, os verdadeiros inventores, desejam fazer do operário o ponto de apoio indispensável á revolução social.

E' necessário convencermo-nos que a democracia é um meio e nunca poderá ser um fim.

Os direitos do estado são absolutamente incompatíveis com os direitos do individuo na doutrina individualista democratica: só um absurdo os poderia conciliar.

Sendo um meio, não é sequer um estado de transição, é apenas um pretexto de discórdia para revolucionar e destruir.

A democracia apregoa a liberdade, a igualdade e a fraternidade, mas é caminho rápido para a fogueira que se atola na Rússia desgraçada.

Que pensem os trabalhadores na sorte que os espera!

Existem no mundo inimigos da humanidade que se conjuram para a sua destruição. Depois de desorganizarem e dispensarem os trabalhadores do mundo, depois de os terem transformado de homens em miseráveis proletários querem utilizar-se deles para a ruína da civilização. E' espantosa a organização revolucionaria e espantosos são os recursos de que dispõe.

Mas Deus por certo não consentirá no seu triunfo! A ordem social Cristã que o Integralismo preconiza é a única disciplina capaz de conter a vaga vermelha da revolução, de fazer prósperas as nações e felizes os homens.

O simples agrupamento profissional daria existencia ao sindicato; da reunião dos sindicatos dos patrões, dos engenheiros, e dos operários da mesma indústria resultaria a corporação; e os delegados das corporações formariam o conselho economico municipal.

Por delegação os conselhos economicos municipais formariam os conselhos economicos regionais e estes por sua vez dariam existencia ao Conselho Superior da Economia da nação, cujas secções constituiriam os chamados conselhos técnicos do Rei, supremo incentivo da produção nacional.

A reunião das corporações tendentes a uma mesma indústria (ferro, aço, livro etc.) constituiria o chamado grupo economico, realidade cujo reconhecimento, incalculáveis vantagens traria á nação.

Só pela economia realista e tradicionalista da ordem Social Cristã, a Sociedade alcançaria, a paz e o bem estar, que os alviçareiros da revolução do continuo prometem, sem nunca realizarem.

Só por ella, — bom é que todos os saibam — alcançarão os homens a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade do triptico revolucionário!

Só o Rei, remate politico de tão perfeito edificio Social, independente de favores e de fações tornará possível a Liberdade e a Igualdade assim como só a moral cristã na observancia dos seus preceitos admiráveis, levará os homens á verdadeira fraternidade.

Desordem — desesperação — miséria — revolta — morte. — Hierarquia — prosperidade — disciplina — Vida.

Dois caminhos opostos, mas unicos.

Pertence aos operários escolher: o caminho da morte ou o caminho da vida.

Conosco está a esperança — a certeza de que escolherão osegundo.

Antonio Maria do AMARAL PYRRAL

# de letras

## ((CARTAS EM VERSO)) (vol. 1.º)

por ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA

**D**EPOIS de tantas e tam maravilhosas obras, repassadas de inspiração sublime e pura, onde a singeleza do conjunto não obsta a profundeza dos conceitos, onde as coisas pequenas e humildes da terra se engrandessem, insofradas pelo espirito divino, emanado do pensamento cristão do Poeta, Antonio Correia d'Oliveira dá-nos as suas **Cartas em Verso**, repositório epistolar, poeticamente aparelhado, cujos protagonistas — parentes e amigos — dão a nota de enternecedora intimidade, distribuída no amor do lar e no carinho dos que lhe estavam ligados pela simpatia e pelo sangue.

Como sempre, no todo, o mesmo Ideal: a Patria, a Terra, o Lar e o Céu. Palavras que não se gastam, antes encontram renovo, na pena extraordinária do Poeta, impulsionada por aquela inspiração altamente espiritualista, que estigmatiza a sua obra. Nestas **Cartas em Verso** o significado das verdades mil vezes apregoadas, assume uma característica especial, isto é, vem mais do interior, do fundo da alma, revestem-se de enfeites preciosos, extraídos do amor e da maior sinceridade que as dominam. É o Poeta a escrever nos seus, a tratar da sua e da vida deles, dizendo a cada missiva que segue:

Vai carta! e fala; ou calando,  
No teu calar se pressinta  
O mais que levas em alma,  
Além de papel e tinta,

Do agregado de doce harmonia que forma o livro, trez são as cartas que particularmente sobressaem; a primeira escrita da *Moulamba* onde se narra poderosamente, nas quintilhas que vamos transcrever, a viagem até à terra:

Que pens não teres vindo:  
Olhos meus como tu és...  
— Oh Milagre-português!  
Que generoso, e que lido  
Quanto Deus por aqui fez!

Por três provincias nós fomos  
Entre vales, rios, pontes,  
E a Serra, enfim. Que horizontes )  
— Verbo lusiada, aos tomos:  
Minho, Douro, Traz-os-Montes.

Três livros da bíblia inteira  
Que é nossa terra natal;  
Mas, faltou-me o principal  
De quantos são: foi a Beira,  
«genesis» de Portugal

Lá vem o apêgo à terra da família que

Entre pâmpanos e milhos,  
Fecundo chão, termo e austero,  
Anda o Senhor nos seus trilhos,  
— Oh berço dos nossos filhos  
Campa dos Teus que venéro!

e amavelmente, a carta da *Montanha*, termina assim:

E até volveendo infinitos  
De terra e céu, paz e união,  
Darei, os olhos dirão:  
— A minha bênção, Filhitos!  
Maria! o meu coração.

Emotivo, muito emotivo. Não ha ninguem que, tendo um coração portuguez, não sinta o seu sêr em diaspã, ao lêr estas simples e recatadas melodias.

A segunda das cartas é dirigida a Maria Moderno — «*descrevete de Deus, crédula na tua Formosura e no seu triunfal doutourado em sciencias e letras*» — em resposta ás críticas por ella formuladas acerca de «*Verbo ser e Verbo amar*».

Diz-lhe o Poeta:

O minha sabia inimiga!  
!osse eu igual à formiga  
Que de zonzona se dispensa,  
Metia a invernos e ao chão:  
(— Cantai, cigarras! —) e não  
Respondera à carta imensa.

e a referir-se ao seu *positivismo*:



## POLITICA

A vida quer-se em «allegros»;  
Temor do Além? — Ponto negro,  
Surdina, gélida pausa,  
Positivismos! E o preceito:  
Lograr, aos haustos, o Efeito  
Sem volver olhos à Causa

ao conceito oscarwildeano de: Arte pela Arte, responde nestes termos:

— Arte por Arte, — eis seu grito.  
Pode o mal ser tam bonito...  
Só é beleza a escultura;  
O mais... O mais? triste ideia!  
Que importa à bilha andar cheia  
De veneno ou agua pura?

depois à sua moral:

Não é herja: é doutra?  
Nem é cristã, como agora  
Voltou a ser figurado;  
Mas, tósofo... Potanto,  
Não tem, nem quer! nenhum santo  
Formulario do Divino.

cita Voltaire e remata nesta sestilha, admiravelmente clara:

Ha quem, segundo Voltaire,  
(Satan, às vezes, protere,  
Sentenças de agiología...)  
Negue haver Relojociro,  
— Jurando-o, em tom verdaheiro,  
Sôbre o seu próprio relógio!

e lamenta-o

Rôseo tempo, sonogado  
A ingénua e doce noivado,  
Oração, esmola e agulha,  
Leo de mais: Não foi arroio,  
Mas dilúvio! árido joio  
Onde um trégal se esfaúlha.

Ao fechar a carta apressa-se delicadamente, a pedir perdão por

.....  
Gritar ao seu bergantim:  
— «Ao leme! que, Más Estrelas  
E sereias enganosas,  
A levam num mar de rosas,  
Sem cruz de Cristo nas velas...».

despedindo-se

.....  
Sou não mais! o Pão e Vinho  
Dam humilde póveirinho  
Da barca do Pescador.

A terceira carta — *Ata Parada* — é dirigida a «Frei Joaquim Capela, do burel de São Francisco, e Poeta que bem poderia ter sido um dos companheiros da «Legenda».

Nela confessa o seu desgosto de

Não sendo, em si mesmo, o obreiro  
Da bela coisa sonhada.  
Afinal, o Sonho é nada.  
— O trigo, posto em celeiro  
Quer forno ou terra lavrada.

Nem basta rezar a Cristo  
Fechando-o no Coração;  
Pouco vai, se, depois de isto  
— Enxada e luz, — não é visto  
Nas obras da nossa mão.

lastima-se de não

Levar a vida formosa  
A acender o Bem e a Luz;  
A despor o cravo e a rosa  
Sôbre a Via Dolorosa  
Por onde passa Jesus.

Dos versos que se seguem, atrevo-me a discordar do Poeta, pela intenção que mostra, de fazer estacar a sua pena, em desproposito de todos nós que amamos a sua obra portuguesa e santa.

Diz êle:

Ah! versos? eu? Caladinho?  
A mais grulhei de pardal  
Tardo e chalro, neste ninho  
De rouxinóis (tão vizinho  
De abismos...) que é Portugal.

encerrando com esta quintilha maravilhosa,

E atreva-se o mundanal,  
Professo no seu carinho,  
A assinar, pelo Sinal  
Da Cruz (assim como aignal!)  
— Frei António de Belinho.

## POLITICA

Nas outras cartas sempre o mesmo bom timbre, a mesma musicalidade suavíssima, penetrante, emotiva como nenhuma outra, em versos contemporâneos, o que nos faz crêr ser Antonio Corrêa d'Oliveira, além do maior poeta português dos tempos modernos, o cantor incito da Raça ressuscitada, como eu tive — em unisono com os meus camaradas de Coimbra — occasiõ de proclamar, na inesquecível manifestação de 23 de Maio d'êste ano, na vestuta sala dos Capêlos!

Franç-Paul LANGHANS

# INTEGRALISMO LUSITANO

## Quadros da Junta Escolar de Lisboa

Communicamos a todos os nossos camaradas e amigos que por lhes ter sido cometida outra secção dos serviços desta Junta deixaram os cargos de Administrador, Redactor e Editor da *Politica*, os nossos queridos camaradas Valentino de Sá, F. P. Dutra Faria e Antonio de Souza Rego e que para o ano lectivo corrente foram nomeados para a *Politica* e para o *Circulo de Estudos* os seguintes camaradas:

### POLITICA

<i>Director</i>	— J. Centeno Castanho (F. D.)
<i>Redactores</i>	— Antonio do Amaral Pyrrait (F. D.) F. P. d'Almeida Langhans (F. D.)
<i>Editor</i>	— Nicolau Monteiro (F. D.)

### CIRCULO DE ESTUDOS

<i>Presidente</i>	— Fernão d'Ornelas (F. D.)
<i>Vice-Presidente</i>	— Duque Calado (F. N.)
<i>Secretario</i>	— Antonio do Amaral Pyrrait (F. D.)
<i>Vogais</i>	— F. da Cunha Leão (E. N. S.) — J. Garcia Domingues (F. L.)

### SECÇÃO EDITORIAL

<i>Directores</i>	— Valentino de Sá (F. M.) — J. Centeno Castanho (F. D.)
-------------------	--

*A Junta Escolar de Lisboa*

# ao ritmo da ampulheta

## «RENOVAÇÃO»

Com brilhante colaboração e sentida apertada grãfica começa a publicarse no Povo, no passado mês de Outubro, o combativo semanário «Renovação» dirigido pelos nossos queridos camaradas Cláudio e António Correia d'Almeida Guimarães. Os três directores que já romberam, trouxeram-nos a certeza da sua completa triunfa, com o qual muito haverá o Integralismo.

Enfocamos entusiasticamente, os nossos camaradas de Paris.

## PAROXISMO DA AGONIA...

Houve certo jornal liberosa que em grandes do fogatões e ao som do batoppe perfidioso, fustigava a coligação d'amar. Pinhalto, nosso representante da Acadêmia portense ao senado universitário.

Engozjamo-nos com a alegria da populorricioso diário porque para nós tem sentido muito especial tal facto. Quando determinado ser tivo atingido o limite da sua existência, tem um momento em que as forças, depois da debilidade provocada pela doença fazível, entra em transo, paeceudo que uma nova vida substituto a que se gastou...

Pinhalto, bravo, depois d'este estrator esphorido pela morte de paroxismo da agonia o corpo sai para sempre, inerte, entrando em franca descomposição.

Ora ésto excessivamente que tal por todos os arretratos (sórdidos é o sinal da sua fim... é o seu paroxismo).

Quanto ao Sr. Pinhalto, aconselhámos a que fosse cuidado com a lago, porque pode tanta boa verdade. He agraço o agradecer-se por toda o pinhal.

## FLORESTA DE ENGANOS OU

## PINHAL DA AZAMBUJA

O nosso camarada Alvaro de Sacadura Falção, da Faculdade de Sciéncias, teve outro dia a surpresa de ver o seu nome subvertendo uma entusiastica carta de apelo

à república em geral e necessadamente a «República do desopilante Ribeiro de Carvalho».

E' claro que o nosso camarada, arrezado com isto desalito toda, em republição ferrenso, foi à redacção da lista p'ra a casa em praxo l'apov.

Avein é feito, nas urnas e nos engios de imprensa a nossa republição liberal.

## A GUERRA À GRAMATICA

## OU UM MANIFESTO CONTRA

## A PRAXE

No dia da abertura das aulas da Universidade de Lisboa foi distribuido aos alunos do 1.º ano das várias faculdades um manifesto anti-praxista, um manifesto imbecil, assinado por um imbecillo qualquer da Liga dos estudantes Republicanos da Faculdade de Sciéncias. Inauguro o patro contra a praxe. Chama-lhe nomes loios. Dizia-lhe insectiva. Quebrado depois praxe com tradigão, barafesta contra esta o terminal horridamente, antecostituido e auto obvio que traveza a violéncia do feito e a disparate do parlamento. Esquencos-se porém duma coisa e l'ogias antololo. E' que os estudantes republianos protestam contra a praxe, mas fazem-na, estapano ao Integralistas, que se não levantam espectralmente contra ela em parte alguma a colla exarrendo. E para provarmos a nossa afirmação, basta dixeramos que na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa — onde, como se sabe, os Integralistas dominam — aca contra do praxo os necessita.

No entanto, isso não impedia um quartelista republiano deos facultado de chamar à sua presença um aluno do 1.º ano, a quem insultou sem motivo — talvez por não sentir que o insultado era Integralista — terminando por inquirir da sua politica e por prostrar trazo-la pelo coração de haizos supstitiões desavertidas, apangido da quanto estoplasimho estancada por este Universidade.

# ao ritmo da ampulheta

## MUITO BEM CAÇADO...

De «O Povo» de sr. Nuno Rodrigues dos Santos:

«Se a tolerancia é a base da ordem e sem tolerancia não pode haver ordem na Democracia defende a Tolerancia... Querem ver que a Democracia ataca a Ordem?»

«Que é silogístico, é racional, é intuitivo.»  
«Todos os Pedros são bons: eu tenho um amigo chamado Pedro. O que é este meu amigo, bom ou mau? E se culhar o molcho-láto depois de pensar um pouco, confesso considerar o meu amigo mau.»

Todos os exploradores do «Povo» são burros. O sr. Rodrigues dos Santos é colaborador do «Povo». Logo o sr. Rodrigues dos Santos é burro.

Logo é silogístico, é racional, é intuitivo... Quanto a ser mau como o Pedro, não é, lá isso não. Vale até um dinheirito.

Riquíssimo parafuso!

Ah, é verdade! Esperemmo-ora, Esperem m... O «Povo» a certa altura chama o sr. Nuno Rodrigues dos Santos com o nome de talento...

Ah!...

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Anónimo Correia de Oliveira — quinquenta de letras por acçãoção das sociedades da Calçada — CARTAS EM VERSO (1.º volume). Edição de A. A. Autor. Companhia Editora do Minho, Braga — 1930.

Franco José — PLANALTO, Composto e impresso nas oficinas da «Atlântida» — Coimbra — 1930.

Cecília de Azevedo — A IMPRENSA AO SERVIÇO DO REINADO SOCIAL DO CORAÇÃO DE JESUS — Edição do Autor. Tip. Av. Guimarães, Ponta da Lixa — 1930.

BROTARIA, — Série mensal F.ª, Ciências e Letras — V. XI — Fasc. V — Novembro de 1930.

REINADO SOCIAL DO CORAÇÃO DE JESUS — Números de Agosto e Setembro de 1930.

Ao glorioso poeta de «VERDO HER E

VERDO AMAR» o a Franço José narra, esparçada em trovas, os seus agradecimentos sinceros pelo oferta das suas letras, cuja apreçoção guardamos para breve.

## A MAIOR APOLOGIA

Nos meios políticos de toda a Europa concorda-se extraordinariamente a maioridade de arquidugas Otto, herdeiro da coroa de Sinto Estevão.

E a medida que a proveniência dos ditos concorrentes se torna mais esportista, maior é o temor, maior é o medo, maior é a preocupação que um jovem príncipe de desolte na espedida, ao trono que lhe pertence, e porquê? Sinto Doms... porquê? pode trunfalhar um povo fragmentado e enfraquecido sem império unido e forte, como potencia perigosamente...

Orá aqui está, essa a realista espedida nos seus alicerçados, a maior apologia!

## JORNAIS:

- A Tor dos Caschibantes — Calafra,
- Distrib. de Guarda — Guarda.
- Nova Guarda — Lousada.
- O Obdiense — Obidos.
- A Folha do Sul — Noutemét-o-Novo,
- União Nacional — Leiria.
- A Tor de Cassano — Leiria.
- O Conselho de Martens — Martens.
- O Parnsey — Coimbra.
- A Tido Ribatejano — Vila Franca.

## CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Civis  
Partes — SIFILIS

CONSULTAS

Largo José Fontana, 12-2.º (As 16 horas)

## DR. MARIO CARDIA

Médico dos Hospitais

■ Doenças das senhoras. ■  
Partov. Cirurgia

Tratamentos pelo rádio e electrização  
AVENIDA DOS ALIADOS, 41, 1.º — PORTO  
— TELEPHONE 4907 —

## MIRA DA SILVA

■ ■ MÉDICO ■ ■

Avenida Almirante Reis, 57-A, 1.º

— LISBOA —

## DR. COSTA FELIX

Interno de Cirurgia dos Hospitais Civis  
CONSULTAS

LISBOA: Rua 16 de Outubro, 33 — Tel. E 2033

As 14 horas

DÁFUNDI: R. Paula Duque

As 17,30 horas

# Não há CAFÉ como o de

A

P  
A  
U  
L  
I  
S  
T  
A  
N  
A

A venda no

Largo de S. Domingos, 12 e na  
Av. F. Pereira de Melo, 52, 52-B

# CASA

DOS

## PANOS

### A 1.ª casa da especialidade

Sortimento completo em

Panos brancos e Lisboas  
Tecidos de côr para roupa  
de Senhora  
Sarjas brancas, Sarjões  
crás, etc.

Serviço rápido de amostras para

PROVINCIA e ILHAS

Esquina da Rua de S. Julião  
45, R. dos Fanqueiros, 49

## AFONSO LUCAS

ADVOGADO

Rua Arco Bandeira, 70, 2.º

TELEPHONE C. 642

..... LISBOA .....

## Martinho Nobre de Melo

ADVOGADO

Rua de Santa Justa, 82, 2.º

Telefone Norte 4162

..... LISBOA .....

## A. Nunes e Silva

Advogado

TELEPHONE CENTRAL 642

Rua Arco Bandeira, 70, 2.º

— LISBOA —

## Dr. Amaral Pyrrait

MÉDICO

Consultório — Rua Anchieta

..... LISBOA .....

